



Alessia de Biase*
entrevista
Ana Clara Torres Ribeiro

ALESSIA: Qual é o sentido pra você de cartografia?

ANA CLARA: Depende muito da experiência que você desenvolve. No caso eu tenho uma leitura da cartografia como sendo a construção do espaço realizada pelo sujeito pelo ator e pelos gestos dele. Então é essa cartografia que me interessa e essa é uma cartografia da ação, ela não é uma cartografia social. Porque a cartografia social está preocupada com os indicadores, com as desigualdades sociais, e no meu caso é a construção do espaço pelos gestos. Ou seja, como acontece a apropriação do espaço pelos gestos, pelos sujeitos, pelos atores sociais, então é uma cartografia da ação, não é social no sentido dos indicadores. E por outro lado, por decisão de consciência, o nosso trabalho quase não é mediado pela técnica, nós quase não usamos a técnica. Usamos muito pouco a informática as bases de mais difícil acesso. Eu disse que nós estamos começando a ver uma figura que é o geógrafo de pés descalços: aquele que não tem o computador, que não tem a técnica, que não vai ter essa técnica, que na sala de aula não vai ter isso. Estamos fazendo uma trabalho extremamente simples, para que possa ser feito em qualquer lugar. Pra mim a cartografia que é importante, que ajuda, é aquela que é uma

* coordenadora do LAA/LAVUE/CNRS - Paris

expressão da ação social e aquela que ajuda a ação social. A cartografia que me interessa apóia a ação. Então um dos mapas mais lindos pra mim, um dos mais importantes, é o mapa da resistência francesa que está num livro que é sobre Walter Benjamim, que chama Por Walter Benjamim, o livro e tem um mapa que pra mim é maravilhoso, é o mapa da resistência que atravessa os Pirineus. É lindo. É esse mapa que orienta a fuga do Walter Benjamim e de vários outros judeus que saem da Catalunha. Então esse mapa está todo riscado, assim, aqui você pode ir, ali você não pode ir, aqui você pode bater na porta, ali você não pode. Esse mapa é um mapa da ação, ele apoia o sujeito da ação, por um lado tem a expressão da ação cartografada e de outro lado você tem o mapa que apoia a ação do sujeito. Então essa é a cartografia pra mim, a cartografia que me interessa e que eu chamo de cartografia da ação, que é diferente da cartografia social. E esta cartografia da ação pode ser feita com recursos técnicos mínimos, ela precisa mesmo é ter uma penetração no tecido da sociedade, porque aí você obtém informação importante sobre a sociedade, nesse caso é aí que você tem que ir, a leitura que a sociedade faz do espaço, a leitura que o sujeito tem do espaço, a percepção que ele tem desse espaço. Então é essa cartografia que de fato me interessa.

ALESSIA: Mas porque você chamou de cartografia?

ANA CLARA: Porque na verdade não é uma espacialização da ação é uma apropriação do espaço. Alessia: Sim, mas porque cartografia? Ana Clara: Porque na verdade é fazer carta. É fazer navegação. Pra você navegar é preciso ter uma mapa da mina, porque a navegação e no caso o laboratório se chama LASTRO porque na

navegação o Lastro é um navio, então ele navega mas não vira e não é perdido, o navio precisa navegar, circular. Então a cartografia é a grafia de uma carta efetivamente a tal forma a que você tenha como navegar. Isso é a ideia mesmo da navegação. Então a navegação é o desenho da carta, é a grafia da ação, de modo que você possa sustentar a ação mais adiante, com os recursos disponíveis, com o que pode impedir a ação também, o que pode combater essa ação, o que pode destruir essa ação... Isso também faz parte dessa cartografia. É uma cartografia voltada para o sujeito para que ele se oriente no espaço.

ALESSIA: Um exemplo de cartografia da ação?

ANA CLARA: Nós temos esse exemplo do mapa do Walter Benjamim, pra mim é uma própria cartografia da ação, feita pela resistência francesa e nós temos algumas cartografias, poucas, ainda muito poucas. Uma mostrando a partir de algumas reivindicações sociais como acontecem os trajetos, como eles são construídos nessas reivindicações, como acontece uma apropriação do espaço da cidade nessas reivindicações e quais são as formas então de apropriação do espaço de um sujeito da ação. A outra que nós fizemos agora é uma cartografia de ação na escola, que na verdade se deu através da imprensa dos conflitos das reivindicações e as crianças, elas aprenderam a criar simbologias, elas criam uma iconografia, elas criam uma simbologia do conflito e mostram isso, elas têm uma outra leitura do espaço, que é um espaço ativo, não é um espaço morto, então você pega um mapa que não tem ação e coloca ação dentro desse mapa, então isso também dá uma outra leitura desse espaço completamente diferente.

ALESSIA: É, porque ação é tempo...E como vocês conseguem inserir o tempo dentro de uma carta?

ANA CLARA: Não conseguimos ainda de jeito nenhum, quer dizer, essa é a grande dificuldade e o grande desafio também. Quer dizer nós conseguimos colocar datas, mas não conseguimos colocar tempo. Você pode datar os processos, mas você não consegue colocar a apropriação efetiva do espaço. O gesto não. Isso se dá talvez com outros recursos, você tem que complementar, a análise qualitativa, de alguma forma com a iconografia de outra maneira. Dentro da própria cartografia não.

Alessia: É, porque esse é o grande desafio.

ANA CLARA: Esse é o grande desafio, nós estamos tentando encontrar links e formas, mas o mais importante, não é pra nós representar o fenômeno perfeitamente. É muito mais introduzir uma outra maneira de ver o espaço, isso que nos interessa fundamentalmente. Então a cartografia essa da escola, ela é simplíssima, é a coisa mais pobre de recursos técnicos, você não tem um computador, não tem absolutamente nada, você desenha com sua mão, recorta, cola, então é uma coisa muito simples.

ALESSIA: Mas tem que ser assim?

ANA CLARA: Eu acho que tem que ser. Porque pode ser feita em qualquer lugar, você pode fazer sempre, as crianças têm ideias e elas dão nomes para os lugares que não são os nomes que nós conhecemos, então aquilo vai ganhando vida, então são mapas vivos, que são obra coletiva também, que são muito simples e muito bonitos.

ALESSIA: Mas o suporte, é um mapa?

ANA CLARA: É o papel, um mapa mesmo.

Alessia: Um papel branco ou um mapa?

Ana Clara: É um mapa, a planta. O oficial mesmo, bem vazio pra não atrapalhar muito, a não ser as vias, e pronto, é o mapa mais simples e aí a gente coloca vida nele, ele está lá morto, porque os mapas são coisas mortas e a gente coloca vida neles. E isso provoca discussão, o interessante é o processo de fazer isso, as pessoas discutem, falam dos conflitos, das carências, reivindicações. E ao mesmo tempo vão fazendo o mapa.

ALESSIA: Mas qual é a relação que eles tem com esse mapa?

ANA CLARA: Fica alguma coisa que eles têm pra eles, porque eles ganham o mapa também, desenham esses mapas, isso fica pra eles, e ao mesmo tempo fica aquela síntese que é coletiva. E o que fica na parede que é o grandão, o coletivo, que é de todos. Quer dizer, estamos aprendendo, né Alessia? Fizemos uma experiência, vamos fazer outra esse ano ainda, com crianças menores. E estamos aprendendo. Ao mesmo tempo eu estou querendo desenvolver uma outra cartografia, que é com o que se chama os grupos focais, a metodologia dos grupos focais, que vem da área da propaganda do marketing, que é também da mídia, que você junta um grupo para tratar de uma determinada questão. Mas as Ciências Sociais também estão usando a partir deles. Então quer dizer você junta um grupo, tem um conjunto de questões, o grupo discute essas questões, e essas questões podem ser representadas. Então eu estou pensando em usar esses grupos focais lá no município periférico de São Gonçalo, já temos parceiros lá. Então a ideia é fazer com o pré-vestibular que

tem dentro desse lugar, pra negros e carentes, fazer com grupos pra tratar da questão da negritude, da questão da distância, questões que nós temos que levantar com eles. Isso eu quero ver se nós conseguimos de uma maneira coletiva, através de entrevistas, cartografar as barreiras sociais, os sentimentos, os desejos, as vontades, os sonhos, começando pelos usos e pelo conhecimento. Porque a ideia é ter uma pauta de reivindicações com relação ao espaço, que seja uma pauta de reivindicações da juventude desse lugar, da juventude instruída, pra levantar o uso do espaço o desejo, como eles se vêem nesse espaço. Isso através de entrevistas, com grupos focais, uma série de técnicas e tentar representar isso num mapa. Fazer um mapa que seja também de projetos deles. E tem um rapaz que trabalha conosco que conhece alguns arquitetos muito criativos que podem, parece, que de alguma maneira - propor, para que eles (interlocutores) também proponham formas, para ver se nós conseguimos chegar a propostas, formais mesmo.

ALESSIA: A cartografia pra você tem uma relação com projeto?

ANA CLARA: Eu quero que tenha agora, porque não tinha, mas eu quero que tenha.

ALESSIA: Por que?

Ana Clara: Porque a minha ideia é uma radicalização da democracia, ou seja, chegar à materialidade mesmo. Uma outra materialidade, dentro de uma radicalização mesmo da democracia, com as múltiplas vozes falando o que querem, desejando e expressando isso de alguma forma. Eu gostaria que efetivamente se traduzisse numa intervenção no espaço.

ALESSIA: Mas, por exemplo, essa questão da tradução...?

Ana Clara: A tradução é extremamente complicada, mas eu quero ver se a gente não tem medo dessa tradução. Eu não quero ter medo, porque nós temos tantos tradutores horrorosos, não é? Que eu acho que os nossos nunca vão ser tão horrorosos assim. Os nossos vão ser melhores, com certeza! (rs)

ALESSIA: Vamos tomar mais cuidado que outros

Ana Clara: A maior parte é horrorosa, então, eu acho que nós não corremos risco de produzir coisas horrorosas, nós não vamos produzir. Eu quero ver se nós conseguimos tirar também aquela ideia de que os grupos excluídos acharem que merecem pouco. Porque muitas coisas são assim, "ah, qualquer coisa serve, está bom assim". Nossa vontade é expandir o desejo e o direito. E não colocar pra baixo. Então se a forma for uma forma que, mesmo que seja mimética da dominante, mas é uma expressão do desejo, eu acho que nós temos que respeitar, porque é a maneira como o imaginário está funcionando agora. Então, se essas pessoas não tem ainda a prática da criação - como de fato não tem - a tradução muitas vezes vai mimetizar formas já pré-existentes. É claro que nossos mediadores devem ser geniais o suficiente pra não admitir qualquer tradução, mas a tendência vai ser bastante essa.

ALESSIA: Mas, por exemplo, o papel do tradutor entra nesse processo em que momento?

ANA CLARA: Ao final. Ele não faz parte do início.

ALESSIA: Mas isto é uma coisa que você quer.

ANA CLARA: É. Eu quero no final. Porque o processo todo inicial é de grande complexidade e eu não gostaria que ele virasse logo matéria, que fosse logo traduzido. Acho que não pode traduzir, porque vai ter negociação de sentido, complexidades de desejos, diálogos no interior do grupo. Então acho que não deve, deve demorar um pouco. Alargar um pouco o tempo da tensão, antes de chegar a qualquer outra coisa, o tensionamento é muito importante. Então aguentar a tensão, antes de encontrar uma solução. Então a ideia é essa, vamos ver se funciona, vamos abrir um grupo esse ano ainda, o primeiro grupo focal com esses jovens lá de São Gonçalo, pra ver essa outra entrada na cartografia funciona. Porque nós estamos com essa nossa tradicional, que é via imprensa, que nós fazemos uma cartografia da ação, tem a outra que é essa da escola e tem essa outra dos grupos focais.

ALESSIA: Mas por exemplo, nessa cartografia da ação, como é no final o produto? Porque tem uma materialidade na cartografia...

Ana Clara: Esse produto tem uma materialidade mas é muito precário eu diria. É muito feioso e precário, por enquanto. Nós não conseguimos encontrar maneiras icônicas de representar bem, por enquanto são superfícies e não exatamente trajetos, enredos, encontros. Porque eu não consegui também tempo suficiente para transmitir para quem está trabalhando com isso, analisando, transmitir um anseio gráfico. Então de alguma maneira as coisas são muito grossas, eu diria que muito lisas ainda. Então acaba que são cartas onde você localiza um pouco os conflitos, e aí você tem, por exemplo, eu tenho um mapa da cidade do Rio de Janeiro que mostra as barricadas dentro da cidade

do Rio de Janeiro, o Rio cheio de barricadas pegando fogo. Então você vai pegando e vai colocando a informação inteira da cidade do Rio de Janeiro, a quantidade de pneus queimados, ônibus queimados, barricadas de toda forma, cria uma imagem da cidade que não é a cidade dominante de jeito nenhum, é a cidade da ação rebelde. Isso aí é um mérito dessa metodologia, é que você não predefine nada, não predefine o sujeito da ação que você quer valorizar, não predefini o tipo da ação, então os meus bolsistas agora apresentaram um trabalho excelente, mas aí sobre Belém, pois nós também temos dados de Belém, São Paulo e Brasília. Ele vem dizer pra mim, “Ana Clara tem um tipo de ação muito estranho lá em Belém”, e eu perguntei: “O que é?” ele disse “linchamento, uma enorme concentração, os tipos que nós tínhamos de ação era um monte de linchamento”. E eu disse: “E aí, isso é ação?” eu digo, “É sim senhor, linchamento é uma ação social, você pode não gostar dela, mas ela é uma ação”. Então fomos ver o que é isso. Eles fizeram um trabalho muito dedicado sobre os linchamentos em Belém, é muito. E eu mandei esses meninos para um Seminário de Direitos Humanos que teve em Belém, com o trabalho deles, muito juvenzinhos 20 e poucos anos, foram os dois, chegaram lá, defenderam o trabalho, as pessoas ficaram estarecidas, porque elas não prestavam mais atenção, o dado estava tão banal, era um fato tão banal no cotidiano de Belém, que nem a área de direitos humanos estava tratando de linchamentos, eles mostraram os mapas de linchamentos, eles tem isso.

ALESSIA: Mas quando você fala de mapa de linchamentos, é localizar?

ANA CLARA: Localização dos linchamentos, então localiza vê o espraçamento deste

fenômeno na cidade. Quando tem algum dado que eles podem reunir, de condição de vida e de centralidade, se tem claro uma planta cadastral melhor ainda, claro, mas se não for, uma coisa simples está bem. Eles foram muito bem recebidos lá no seminário, as pessoas disseram foi bom um olhar de fora, porque nós não estávamos mais vendo esse fenômeno. Eles ajudaram, os meninos, né, tão novinhos. E teve um outro trabalho, eu achei muito importante esse, é o das rebeliões nos presídios, que também toda hora aparecia rebelião, rebelião, rebelião. E veio a questão, a rebelião é uma ação social ou não é uma ação social, eu digo é uma ação sim. É um protesto dentro de uma ambiente institucional, trancado, mas é um protesto. Então nós começamos a ver e deu pra ver o espraiamento dessa forma de ação no estado de São Paulo, a rede de presídios... era tudo sincronizado, aquela quantidade de rebeliões acontecendo ao mesmo tempo, que dava a entender que havia mesmo uma organização dentro daquela manifestação. Então também outro bolsista trabalhou com as rebeliões em presídio porque elas apareceram, nós não fomos procurar as rebeliões, elas apareceram na nossa metodologia da cartografia da ação. Então isso tem sido uma constante descoberta, protestos também com relação aos pedágios. Eu nunca tinha imaginado um dia que isso era importante, mas de repente é. E você corta toda circulação da cidade, das estradas, através do pedágio, e aí tem uma quantidade de revoltas em torno dos pedágios que eu nem sabia que tinha, os dados trouxeram essa informação. Aí nós fizemos um estudo, fomos ver a fluidez do território, vimos que não tinha fluidez e enfim, tivemos uma discussão em torno disso. Então essa ação emerge pra nós, e nós tentamos cartografar de

uma maneira extremamente simples. Escapa completamente aos cartógrafos, é uma coisa singela, mas que nos dá uma leitura ativa do espaço, é isso que pra nós é importante que o espaço perca essa anulação da ação. Tem também um outro estudo que eu orientei, uma menina ótima, geógrafa, Laura de Carvalho, que fez um estudo com os mapas de periódicos da geografia analisando “cadê a ação?” Não tem. Então os mapas são dos agentes econômicos ou dos agentes políticos, macros, do Estado, o Estado e os agentes, mas a ação da sociedade mesmo não, não tem. É muito impressionante você sentir essa ausência, depois que você vê que poderia ter a presença e não tem, os mapas começam a aparecer vazios, eles são vazios, não tem informação que de fato interessa pra sociedade. Não tem. Então isso é o nosso trabalho: tem esse que é o da cartografia da ação, tem a coisa que nós fomos aprendendo a fazer, que é essa coisa da escola, fizemos a primeira experiência e vamos fazer a segunda esse ano ainda. E essa outra coisa dos grupos focais que não começamos ainda, mas já temos o projeto aprovado, então vamos ver se a gente consegue entrar esse ano para começar a cartografar os usos, ver como utilizam os espaços, onde esses jovens vão, o que esses jovens fazem, como é a semana deles.

ALESSIA: Porque eu encontrei um problema de cartografar as práticas, porque o espaço representado numa carta é um espaço utopos sem tempo, sem nada, então, inexistente. Como trabalhar com a profundidade das práticas que é temporal? O espaço é investido independente da hora do dia, ele é sempre investido.

ANA CLARA: É, ele anula, na verdade, né? Então eu estava pensando como nós podemos fazer

isso? Não apareceu o problema concreto ainda, mas vai aparecer. Então eu fiquei imaginando que nós podemos fazer uma sucessão, tipo uma sobreposição, talvez. Como a que você fez... e ajudou né?

ALESSIA: Sim, nós fizemos. Ajuda, porque você pode ver que na realidade o espaço é investido, o espaço não é aquele que se desenha, ele tem uma forma que diminui, cresce, depende das práticas que tem lá. Nós começamos a experimentar ver como podemos representar isso, mas tem que ter movimento. O problema é que você pode fazer cartas de cada hora, por exemplo, cada hora levantamos, mas o problema é que para ver essas coisas tem que botar em movimento.

ANA CLARA: Tem que sobrepor, mas na verdade não é sobrepor, é conectar.

ALESSIA: Porque tem que ver, que o tempo passa. Tem uma coisa que nós fizemos de duas camadas, onde você vê o espaço, como ele se incha e fica vazio. E essa coisa é muito interessante, depende da hora do dia, não é só a noite, por exemplo, depende do espaço. Nós trabalhamos com isso, sobre a questão do medo, porque é uma questão de resistência. Começamos a discutir sobre isso, sobre a questão de resistir sobre esse discurso hegemônico sobre a questão da segurança por exemplo. Que é completamente hegemônico, porque nós queremos fazer uma pesquisa sobre a questão da segurança na Europa, por exemplo, o que significa.

ANA CLARA: Importantíssimo Alessia.

ALESSIA: Sim porque nós estamos pegando como herança coisas americanas que não

têm nada a ver com o espaço e a cultura que nós estamos.

ANA CLARA: Todos estão... são modelos prontos, é uma coisa horrível.

ALESSIA: A questão, por exemplo, era do “medo” que joga com a segurança. Você pode ter medo de um lugar porque vamos explorar juntos, mas esse mesmo lugar numa outra hora do dia não tem mais razão para o medo. E numa outra estação (nós, na Europa, temos mais estação que aqui), um lugar que às cinco horas da tarde no inverno tem sombra, no verão é pleno dia. Então o que acontece nesse lugar? Esse lugar tem uma profundidade que temos que começar a refletir.

ANA CLARA: E não é fixo. Ele não é O lugar.

ALESSIA: Não é fixo. A questão de botar muros e jogar os policiais, por exemplo...

ANA CLARA: Ou câmeras de vigilância. Uma coisa horrível...Na Inglaterra, parece, chegou ao ponto de famílias com problemas com filhos colocam dentro das casas, câmeras de vigilância.

ALESSIA: Sim, isso é big brother dentro das casas.

ANA CLARA: Uma coisa infernal. É o grande negócio que se chama segurança.

ALESSIA: O problema que nós começamos a ter, é uma questão de, se nós fazemos uma cartografia, por exemplo, da questão do medo – de como se constrói o medo, de ver com os moradores têm medo, qual é o medo, e várias coisas – é a manipulação. Porque a cartografia...

ANA CLARA: É muito perigosa.

ALESSIA: É muito perigosa.

ANA CLARA: Você saber que eu não quis divulgar o nosso banco de dados, porque o banco não é sequer... nada de banco privado, porque afinal de contas ele, o nosso tem origem na imprensa, mas a maneira como nós sistematizamos a informação, dá um outro sentido, e como eu não sei o que vão fazer com essa informação na verdade, então eu não quis. E quando eu percebi que dava pra descobrir muita coisa eu não quis mais.

ALESSIA: Esse é o problema.

ANA CLARA: É muito sério. A cartografia é um instrumento de poder, nós sabemos.

ALESSIA: E como, a questão minha e de Paola, porque nós estamos trabalhando com a cartografia nós sabemos que a cartografia é um instrumento de poder e como é que nós fazemos com isso?

ANA CLARA: Como é que nós damos mais instrumentos? Por isso que tem que ver qual é a cartografia que é útil pra ação de quem. Então quer dizer, quando tem essa do Walter Benjamim, nós sabemos pra quem ela é útil. Então temos que ver qual é o sujeito da ação que nós vamos atender. Porque ela não é neutra, nunca.

ALESSIA: Nunca.

ANA CLARA: Se ela se apresenta como neutra está seguindo a dominação. Então, não é toda cartografia que devemos fazer. Isso é uma coisa muito complicada, eu acho. São decisões muito sérias.

ALESSIA: Sim porque depois, entre aspas a publicação.

ANA CLARA: De repente, passa a repressão aí em cima desses lugares.

ALESSIA: Porque, por exemplo, estou olhando, aqui encontrei estudantes que estão trabalhando sobre a violência, e a questão de cartografar a violência em Salvador. E quando eu vi, por exemplo, a cartografia participativa, eu acho isso ridículo, eles começam a botar todos os lugares onde tem os assassinatos em Salvador. Qual é o sentido disso? Pra que? Você está utilizando mídia, que eles estão dizendo onde estão os assassinatos, onde está o tráfico de drogas, um monte de coisas, mas qual é o sentido de fazer uma cartografia?

ANA CLARA: A finalidade não é fazer a carta, analiticamente, não pode se fazer a carta. Essa não pode ser a finalidade. A finalidade é um entendimento, no nosso caso aqui, da ação e do sujeito da ação. A carta simplesmente ela é ou para ajudar a criar as problemáticas, ou é pra ajudar o sujeito da ação se não for isso, não tem sentido. E alguma coisa automática, e agora com técnicas e mapas que se transformaram numa coisa muito mais simples, então fazer mapas e fazer indicadores são instrumentos fundamentais da gestão hoje, os mapas e os indicadores, então isso está se multiplicando de uma maneira quase automática, e isso não é bom. Agora eu tenho lá em casa, livros muito bons sobre o medo, são colombianos, os colombianos eu os acho muito especiais, são muito cultos...

ALESSIA: Muito próximos...

ANA CLARA: Muito próximos e muito cultos, eles sabem muito bem lidar com as problemáticas, então eles trabalharam muito bem o medo.

ALESSIA: E quem são?

ANA CLARA: Olha é um pessoal de um lugar, chamado Corporacion Region. Corporação lá pra eles é ONG, não é uma empresa. Esse é de Medlin, e a pessoa muito boa lá é Marta Villa. Você consegue localizar facilmente, eles editaram dois livros muito bons sobre o medo, uma pesquisa mesmo, um relatório sobre uma pesquisa e tem uma coletânea de textos, que entram na Sociologia, na Filosofia.

ALESSIA: Mas que são editados pela Corporacion Region?

ANA CLARA: É são dois livros editados pela corporação, que é um órgão de pesquisa mesmo, uma ONG que atua como ONG, mas também é um centro de pesquisa. É uma coisa muito boa. Eu fico bastante impressionada porque normalmente os estudantes colombianos são bons, os pesquisadores também. Trabalham muito e são interlocutores muito bons. Vale a pena ver.

ALESSIA: Como é que se chama um colombiano filósofo, que trabalha com fotografias? muito famosos, você conhece, ele fez um trabalho sobre Medelin, depois exportou para o México, fez um sobre Barcelona também...

ANA CLARA: Não me lembro. Mas aí a questão do medo tem que ver se começa pela cartografia ou se a cartografia, simplesmente é algo que vocês podem pensar a respeito. Então é possível

usar a cartografia num sentido metafórico, no sentido, vamos dizer transcendente, imanente, e depois se for o caso, materializa a cartografia, mas tem que ver se vale a pena materializar.

ALESSIA: Mas qual é a gênese, a tua gênese, quando você chega à cartografia, porque você em algum momento diz que esse é o instrumento que eu quero utilizar. Tem uma gênese.

ANA CLARA: É tem uma gênese, mas não chega a ser um instrumento propriamente dito. Pra mim não chega, tanto que são pouquíssimos mapas que nós temos. Então não chega a ser um instrumento, é uma problemática. Então a cartografia da ação, é a forma como o ator, o sujeito faz a sua própria cartografia. Isso é uma problemática maior que antecede. Nós temos pouquíssimos mapas, mapas feitos mesmos são pouquíssimos, de vez em quando nós fazemos uns, mas são muito poucos.

ALESSIA: Mas como, por exemplo, a questão da cartografia chega no seu pensamento?

ANA CLARA: Olha teria que fazer um esforço de memória mesmo, porque isso já tem tanto tempo...

ALESSIA: (rs). Não quero ser a culpada disso.

ANA CLARA: Não, não, não. Eu tenho até um artigo que eu explico isso, mas teria que lembrar. É um pouco uma inclusão do espaço na ação, porque na verdade eu venho de uma área em que o espaço não tinha essa relevância toda. Na verdade, a minha área de formação é estrangeira a essa centralidade dada ao espaço, então eu não começo pelo espaço, eu começo pela ação e vou chegar no espaço. E

isso tenciona a teoria do espaço. Então quer dizer, sempre eu me vi, não transformada numa geógrafa ou transformada num arquiteta, não sou isso, mas veja o que nós temos que nos falar o tempo todo e nos tencionar mutuamente. Então, eu queria ver como o espaço de alguma maneira, ensinava, era apropriado, juntava atores, ajudava na configuração de sujeitos coletivos, e de alguma maneira, ver uma face ativa da experiência urbana, onde o espaço fosse incluído de alguma forma. Então isso eu nomeei de cartografia da ação, a cartografia que é construída pela ação e que não antecede a ação, a não ser naquela que ajuda efetivamente essa ação, portanto ela tem que ser conhecida. A cartografia não antecede e não sucede, tem que estar junto. Essa foi a proximidade mesmo de cartografia que me apareceu. E aí a crítica aos mapas. A cartografia, ela me aparece pelo pensamento crítico, que são mapas vazios e inúteis pra ação. Então essa leitura eu já tinha, que os mapas, em geral, as cartas são inúteis pra ação, isso para mim já era claríssimo, era mesmo... e inclusive podem dificultar muito. Então é dentro da trajetória do pensamento crítico, que valoriza o sujeito e a ação que finalmente aparece a cartografia, mas porque eu já tenho um longo diálogo principalmente com a geografia que introduz essa questão do espaço. Então, ao introduzir essa questão do espaço, tinha a problemática do espaço e aí a cartografia vem. Mas nada que fosse tecnicamente muito elaborado nem nada que fosse vamos dizer um diálogo sério com cartógrafos. De maneira nenhuma, eu não tenho essa pretensão de maneira nenhuma.

ALESSIA: Mas, por exemplo, a escolha que você fez de uma carta básica, simples, você nunca se questionou o que você está representando no papel ou não é esse o problema pra você?

ANA CLARA: Não, não é esse o problema. Porque de alguma forma a representação é importante, mas não é tão importante assim. Ela é importante enquanto praxis, então quer dizer, na verdade o meu ato de fazer isso me ensina, então, se eu vou colocar a ação aí, eu começo a ver esse espaço de outra maneira e é possível que eu mude a base várias vezes, porque eu estou vendo esse coisa de uma outra forma. Então se eu estou fazendo com outros esse exercício, esses outros vão me exigir mudar essas bases se for o caso. Mas a partir do que eles vêem. Então, não é uma questão só de percepção, é uma questão de introdução da ação. Isso muda tudo, não é uma coisa muito pré-fixada, a não ser por conta dos nossos limites mesmos, porque nós somos limitados e acabamos fixando né? Mas nada que deva ser fixo. Acho que não. Porque alguns sujeitos, andam 10 km outros andam 10 metros só, então, uma escala fixa não tem muito sentido.

ALESSIA: Mas, por exemplo, justamente sobre a escala, uma questão primeira da cartografia é a escala, qual a escala de representação você tem?

ANA CLARA: Claro. Lamentavelmente nós temos que usar o que já existe. Nós temos algumas que já estão pré-definidas pelo próprio Estado e trabalhamos com aquelas que mais ou menos permitem que todas as noções sejam incluídas, porque senão também não tem

condição. De vez em quando, fazemos um foco e aumentam. Fora disso não tem muito como, é muito difícil encontrar uma alternativa a isso.

ALESSIA: A cartografia fica, entre aspas, como uma espécie de suporte à uma narração.

ANA CLARA: É. Na verdade, é. Digamos, um suporte a uma narração, a uma narrativa ou a expressão dela, ao resultado dela, seja qual narrativa seja, porque pode ser a da imprensa, a do sujeito, a do Estado. São várias narrativas que podem ser representadas diferentemente. Acho que isso é possível. Agora tem ver o que significa isso, se vale a pena entendeu? Às vezes eu acho que cartografia pode ser realmente muito importante, em outros momentos eu acho que ela pode ser burocrática, e se for burocrática não precisa fazer... pra que? Então nós fazemos muito pouco em termos de produto, mesmo, pouca coisa. Escrevemos muito, mas não estamos equacionando com seriedade eu diria, os dilemas da cartografia, isso não. Até porque não temos apoio técnico pra isso.

ALESSIA: E com todos os geógrafos com quem você trabalho, como foi isso? Porque para os geógrafos a questão da cartografia...

ANA CLARA: É eles se incomodam muito, porque na verdade é uma coisa que tem dono, tem proprietário, porque o geógrafo é dono dos mapas, dono das cartografias, mas da mesma maneira que são pouco sérios conosco, nós podemos também ser, não é verdade? (rs) Aí realmente nós somos um pouco iconoclastas, mesmo. Mas temos que ser, porque se formos entrar em todo rigor de todas as entradas disciplinares, se torna insustentável, não temos energia pra isso.

ALESSIA: Não pode botar a mão em uma coisa porque...

ANA CLARA: Não, não podemos fazer nada porque sempre poderia ser melhor. Então isso aí não, eu tento trabalhar de uma maneira simples e já é muito difícil trabalhar dessa maneira simples...

ALESSIA: E neste momento, onde a complexidade corresponde, não tanto a uma complexidade do pensamento, mas a uma complexidade da técnica.

ANA CLARA: Operacional

ALESSIA: Operacional É ridículo.

ANA CLARA: E isso é insuportável.

ALESSIA: É ridículo.

ANA CLARA: Eu não tenho a menor paciência. Porque se for para ficar confundindo a minha vida, eu não quero. Se você tem que passar mais tempo resolvendo o problema da técnica do que pensando, eu prefiro não fazer, entendeu? Eu prefiro não fazer. Tem sido uma coisa bastante clara pra mim, que a coisa tem que ser simples e se demorar muito, vai na mão mesmo. Você desenha e está acabado, pinta com lápis de cor e faz. Me aborrece muito entrar nos impasses da técnica e perdemos um tempo enorme, dinheiro, é muito caro.

ALESSIA: Caríssimo.

ANA CLARA: E se torna muito difícil para nós. E temos que correr atrás dos projetos para comprar equipamentos, programas, é demais pra nós. Não dá, nós não aguentamos isso. Estamos tentando não nos complicar muito.

ALESSIA: Mas quando você fala de nós, quem são os teus companheiros?

ANA CLARA: “Nós” são os interlocutores do próprio Laboratório, são os bolsistas: tem o Luís que trabalha comigo há 12 anos, que está fazendo doutorado, que é muito meu amigo mesmo; tem o Ivy que é um geógrafo que fez o mestrado comigo e agora voltou e está fazendo o apoio técnico comigo; tem os bolsistas que são de iniciação científica, que são esses meninos que eu falei. É o pessoal da Faculdade de Formação de professores de São Gonçalo, onde eu tenho bastante interlocução também, e lá especialmente uma pessoa, a Cátia Antônia da Silva, que é excelente, é geógrafa, e tem o grupo de lá que nós vamos agora largar que é, vamos dizer, outro geógrafo mais outras pessoa da área da educação, esses eu acredito que sejam parceiros mesmo. E fora isso, como essa experiência já tem 10 anos, os que já saíram são muitos, que já fizeram a cartografia conosco, que já exercitaram que já fizeram suas teses. Então esse grupo que continua dialogando, é grande. São ex-orientandos que estão aí. E além disso você tem o que eu chamo de “Lastro ampliado”, que tem pessoas ótimas que são sintonizadas com a nossa problemática de pontos diferentes. Então, a parte da economia popular, solidária, que são pessoas que trabalham com outras problemáticas, mas dialogam em torno da questão da ação. Então, como eu dou a disciplina Teorias da Ação, há bastante tempo, todo ano eu dou Teorias da Ação, e essa disciplina é assistida por pessoas do Instituto e de fora do Instituto então isso forma uma rede grande já de pessoas que trocam em torno de uma coisa que não é formalizada

totalmente, ela é uma problemática. Então as pessoas cruzam e são muitas! E tem estudantes da USP, de Campinas, que eu dei uma curso de Teorias da Ação em Campinas, que agora estão fazendo doutorado, estão trabalhando com pirataria e problemáticas assim, através de uma pessoa que eu gosto muito de Campinas - em São Paulo ela está agora - que é a Maria Adélia de Souza, que trabalhou muito com Milton Santos, é geógrafa e nós somos grandes parceiras também, é onde eu escrevi sobre a coisa dos homem lento, foi através do estímulo da Maria Adélia de Souza. Então existe isso, assim como existe no grupo do CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), porque, nós demos dois cursos eventuais, através da rede do CLACSO. Ele tem, acho o que 250 instituições filiadas. Mas de pesquisa da América Latina, nós temos 250 instituições. É enorme. E aí o nosso grupo deu dois cursos virtuais, e eu entrava com cartografias da ação nesse curso. E é muito bacana, Alessia, porque são meninos da Nicarágua, até a Argentina e Chile, 40, 35 jovens, então a gente fazia interlocução Latino-americana. Na verdade, eu não vejo isso aqui assim como um campo sedimentado, não tem nada de sedimentado, tem de uma experimentação permanente, sem nenhuma pretensão de ser muito experimental, simplesmente no que pode ser. Nós estamos trabalhando no que pode ser, é uma busca ininterrupta sempre, faz várias entradas, você pode entrar pelo lado da globalização, você pode entrar pelo lado dessa economia popular. Você pode entrar do lado do trabalhador na rua, com os presídios, com, enfim, qualquer. Desde que você ative a sua percepção. Desde que a dinâmica entre - que era o que eu queria

ainda colocar no Seminário de hoje de manhã: eu queria saber onde estava a dinâmica, onde está? Porque a questão da forma, só incomoda quando exclui a dinâmica, então se você puder colocar a dinâmica, qual o problema da forma? Nenhum. Só tem problema quando cristaliza a dinâmica, mas se não for isso qual o problema da forma?

ALESSIA: É porque o problema, é que (como você disse hoje de manhã,) eles se constroem partindo do que eles não são – que é verdade - mas ao mesmo tempo eles têm medo de dizer o que são.

ANA CLARA: Eu concordo, tem um medo terrível, porque parece que ao dizer que são alguma coisa, eles estão se limitando, mas que loucura, que diabo de medo é esse? Como se fosse alguma coisa pequena, como se você estivesse cortando alguma asinha. As penas da asa... Meus Deus são coisas enormes, campos imensos.

ALESSIA: Essa questão de se definir pelo que não somos, nós estamos vendo nos partidos políticos, na Itália a esquerda se define pelo que não é.

ANA CLARA: É tem razão, mas não basta.

ALESSIA: Não basta. Não é um discurso no final....

ANA CLARA: Eu só queria, no caso, dizer que a esquerda da Itália tem coragem de dizer o que ela não é, né? Já é alguma coisa.

ALESSIA: Sim, e a francesa também. Mas, o problema é que o discurso é vazio no final.

ANA CLARA: É verdade, ele não tem positividade.

ALESSIA: Sim porque você pode dizer o que você não é: não é o Berlusconi, não é o Sarkozy, não é isso não é aquilo, mas o que que é?

ANA CLARA: Isso é verdade.

ALESSIA: É como estão falando, como é que se chama quando tem uma estátua?

ANA CLARA: O molde.

ALESSIA: Falta a estátua...

ANA CLARA: Fica só o molde.

ALESSIA: É o problema meu que eu tenho com os partidos da esquerda europeus, sobretudo franceses e italianos, são muito similares nesse momento, o que estão fazendo, é que eles ficam moldes, mas não tem o concreto dentro que preencha. Dentro é vazio. Porque eu posso dizer o que eles não são, mas eu também posso dizer que eu não sou um Berlusconi, não sou o Sarkozy. Mas o que eu sou nesse momento?

ANA CLARA: Não é suficiente.

ALESSIA: Não é, porque falta uma coragem de dizer o que nós somos agora, nesse momento.

ANA CLARA: Eu cheguei a uma fórmula pra mim, eu sou a favor do empobrecimento generalizado. (risos)